



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO SEM REVISÃO

COMISSÃO DO ESPORTE			
EVENTO: Audiência Pública	REUNIÃO Nº: 1387/15	DATA: 18/08/2015	
LOCAL: Plenário 04 das Comissões	INÍCIO: 14h52min	TÉRMINO: 16h11min	PÁGINAS: 28

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

GUILHERME ANGELO RASO - Diretor de Esporte de Base e Alto Rendimento do Ministério do Esporte.

SUMÁRIO

OBSERVAÇÕES

NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO, APENAS PARA CONSULTA.



O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Boa tarde a todos e a todas.

Esta reunião de audiência pública da Comissão do Esporte está sendo realizada em razão da aprovação do Requerimento nº 33/15, de iniciativa de minha autoria, e tem como objetivo debater o Programa Plano Brasil Medalhas do Ministério do Esporte.

Para dar início às apresentações, convido para sentar-se à mesa a S.Sa., o Sr. Guilherme Angelo Raso, Diretor de Esporte de Base e de Alto Rendimento do Ministério do Esporte (*palmas*); o Sr. Mosiah Rodrigues, Coordenador do Programa Bolsa Atleta (*palmas*); o Sr. Vitor Almada, Diretor Substituto do Departamento de Promoções e Eventos Esportivos (*palmas*); José Sugai, Arquiteto do Departamento de Infraestrutura (*palmas*). Quero registrar também a presença, nesta audiência pública, dos senhores representantes do Ministério do Esporte: Roberto Mourão, Assessor do Departamento de Esporte de Base e de Alto Rendimento (*palmas*), e a Sra. Cynthia Ribeiro Rodrigues, assessora de imprensa (*palmas*).

Antes de passar às exposições, desejo informar as regras de condução dos trabalhos desta audiência pública. O convidado deverá limitar-se ao tema em debate e disporá de 20 minutos para as suas preleções, não podendo ser aparteado.

Após as exposições, serão abertos os debates. Os Deputados interessados em interpelar os palestrantes deverão inscrever-se previamente e poderão fazê-lo estritamente sobre o assunto da exposição pelo prazo de 3 minutos.

Será permitida réplica de qualquer participante que seja citado durante os debates.

Passo então, de imediato, a palavra ao Sr. Guilherme Angelo Raso.

O SR. GUILHERME ANGELO RASO - Boa tarde a todos, quero agradecer aqui ao Deputado João Derly pelo convite para nós estarmos hoje aqui debatendo e expondo algumas ações do nosso Plano Brasil Medalhas em prol do desenvolvimento do nosso esporte, em vista dos objetivos do Brasil, participação do Brasil nos Jogos Olímpicos de 2016.

Nós trouxemos uma apresentação sintética com a presença de toda a nossa equipe. A equipe está à disposição para complementar alguma coisa que for necessária durante o nosso debate.

(Pausa prolongada.)



Bom, a nossa apresentação vai ser dividida: eu vou dar uma ação introdutória e alguns assuntos serão pertinentes a cada área. O Vitor falará no aspecto de convênios; o Mosiah, no aspecto de Bolsa Pódio; e o Sugai, no aspecto de infraestrutura. Eles podem complementar a nossa apresentação.

(Pausa prolongada.)

Esses são alguns dados que nós acompanhamos do Plano Brasil Medalhas e este tem por objetivo apoiar todas as nossas ações em vista de obter resultados expressivos nos jogos de 2016, basicamente no plano de medalhas. Nós temos o objetivo de estar entre os 10 melhores nos Jogos Olímpicos e entre os cinco melhores nos Jogos Paraolímpicos. Então, nós vimos acompanhando, fazendo investimentos e vamos apresentar um pouco da situação em que nos encontramos.

Nós apoiamos 43 modalidades esportivas, sendo 27 olímpicas e 16 paraolímpicas. Esse é o quadro geral de todo o nosso investimento, das modalidades que apoiamos. São 395 atletas apoiados diretamente: 60% deles nos esportes individuais e 40% nos coletivos. Posteriormente, vamos descrever os esportes coletivos e individuais que são apoiados.

Este é um dado interessante, porque mostra onde os atletas nasceram, de onde eles vieram. Percebemos uma concentração muito grande de atletas nascidos em São Paulo, mas praticamente todos os Estados brasileiros têm representantes. Há ainda dois atletas nascidos nos Estados Unidos.

Neste mapa, podemos perceber os Estados para onde esses atletas migraram a fim de fazer treinamentos, e São Paulo continua sendo o de maior receptividade. Eles se concentram mais no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Sobre a Bolsa Pódio, ela é um investimento que o Governo faz no atleta que tem possibilidade de disputar medalha em 2016. Os recursos foram distribuídos desta maneira: 39% foram para os atletas paraolímpicos e 61% para os atletas olímpicos, 60% homens e 40% mulheres, com uma média de idade de 28 anos. Esse é o perfil do nosso grupo de atletas.

Agora, vamos falar um pouco sobre as modalidades olímpicas. Do total de 238 atletas de modalidades individuais, 144 são especificamente olímpicos, sendo 87 homens e 57 mulheres, com idade média de 26 anos e 8 meses, um pouco menor.



Este gráfico mostra a distribuição desses atletas por modalidade individual. Então, vemos que há uma concentração muito grande de atletas no vôlei de praia e no atletismo, 18 e 27 respectivamente. Essas são as duas maiores modalidades contempladas com atletas pódio, mas há várias outras.

O que é um atleta pódio? É aquele que tem a possibilidade de disputar medalha, de obter um bom resultado nos Jogos Olímpicos de 2016. Eles passaram por um processo de escolha, que envolve o COB, a Confederação e o Ministério do Esporte, baseado em ranking, baseado em desempenho, baseado em algumas informações técnicas de potencial com relação aos seus resultados futuros.

Só para termos conhecimento, esta é a relação nominal de todos os atletas olímpicos individuais, com a modalidade que praticam e a situação em que se encontram. Com isso, nós acompanhamos regularmente o desempenho dele para a manutenção ou não do incentivo ao seu treinamento.

Esta é a distribuição dos atletas por modalidade coletiva olímpica. São cinco os esportes coletivos apoiados: basquete, handebol, vôlei e hipismo. As pessoas podem até achar interessante que o hipismo esteja entre os esportes coletivos, mas o conceito de coletivo aqui é um conceito de equipe, não individual.

Vamos, agora, para as modalidades paraolímpicas. Daquele mesmo grupo de 238 atletas, 94 são paraolímpicos, sendo 55 masculinos e 38 femininos, com média de idade um pouco mais avançada. Temos esse fenômeno na modalidade paraolímpica.

Este gráfico mostra a distribuição desses atletas por modalidade. Mais uma vez, o atletismo é bem representativo. E a natação também aparece. Nessas duas modalidades, temos tido muitos resultados expressivos nas competições internacionais, inclusive nos Jogos Parapan-Americanos de 2015, em Toronto. Mas as outras modalidades também atletas contemplados. E esta é a tabela com relação nominal dos atletas, com as modalidades que praticam e a situação em que se encontram.

Estas são as modalidades coletivas que apoiamos: vôlei sentado, futebol de 5, futebol de 7 e goalball. Então, são quatro as modalidades coletivas, com 60 atletas. Esse é um número fixo. O número de atletas individuais pode variar, de



acordo com o desempenho dele ao longo do tempo, mas o número de atletas coletivos não. É um número fixo.

Bom, eu vou passar a palavra para o Vitor, que vai falar um pouco sobre investimento.

O SR. VITOR ALMADA - Na verdade, este *slide* só demonstra o dispêndio financeiro. O que era previsto e o que está sendo executado nos últimos anos estão no plano. Em 2013 há um valor já executado de 45 milhões; em 2014, de 56 milhões. O exercício de 2015 ainda não fechou, mas de um valor previsto de 262 milhões já foram executados 118 milhões. Então, nisso já está incluído o apoio direto ao atleta por meio de convênios e do Bolsa Pódio.

O SR. GUILHERME ANGELO RASO - Esses são alguns dados também recentes da participação da seleção nos jogos Pan-Americanos e Jogos Parapan-Americanos. Os 309 atletas apoiados pelo Bolsa Pódio participaram das duas competições, o que representa quase um terço da nossa participação. E do total de 395 atletas pódio, 78% participaram dos Jogos Parapan-Americanos e Pan-Americanos. Então, é um dado expressivo. Isso quer dizer que esse recurso, hoje, está sendo uma importância muito grande para o nosso desempenho esportivo de uma forma geral.

Eu vou passar a palavra para o Mosiah, que falará sobre os atletas, pois conhece a maioria deles.

O SR. MOSIAH RODRIGUES - Este é um extrato geral de resultados recentes da delegação pan-americana e da delegação parapan-americana. É claro que esse é um resultado pontual dos Jogos em Toronto, mas, como o Guilherme já destacou, é o resultado de um investimento que está sendo feito nesses atletas ao longo dos últimos anos. Então, estamos colhendo, agora, alguns frutos desse investimento.

Os Jogos Pan-Americanos foram um ensaio, digamos assim, para os Jogos Olímpicos. Em algumas modalidades, já é bastante mensurável o resultado que nós podemos ter no ano que vem, em 2016, porque o Brasil, por exemplo, joga no vôlei com os Estados Unidos, disputa em algumas modalidades da ginástica artística também. Enfim, nós conseguimos fazer essa avaliação. Em outras modalidades não é de forma muito real, mas este é um ano importante porque todas as modalidades



têm campeonato do mundo, e neste momento vamos conseguir fazer essa avaliação talvez um pouco melhor.

É importante também que, desde os Jogos Pan-Americanos... Desde os Parapan-Americanos de 2007, na verdade, o Brasil não tinha um resultado tão expressivo. É bacana ver que o investimento está sendo feito, que é contínuo, que o atleta consegue então fazer a gestão desse recurso e se preparar de forma mais adequada para não só manter o resultado, mas melhorá-lo. Isso é importante destacar ao longo dos anos. É por isso que o investimento é feito, visando agora essa meta bem ambiciosa, digamos assim, de ficar entre os dez melhores no quadro de medalhas das modalidades olímpicas e entre os cinco melhores no quadro de medalhas nos Jogos Paraolímpicos.

O SR. GUILHERME ÂNGELO RASO - Obrigado.

Esse é um resumo do nosso acompanhamento da participação dos atletas. Agora vamos falar um pouquinho mais do centro de treinamento, que é outra ação dentro do nosso plano de construir, reformar e apoiar os equipamentos esportivos para os treinamentos e as competições.

O Sugai vai nos dar uma contribuição nessa atualização. Por favor, Sugai.

O SR. JOSÉ JIEMON SUGAI - Boa tarde a todos.

Os centros de treinamento fazem parte de um trabalho com a participação das confederações, do Ministério e das Prefeituras ou do Governo dos Estados, ou seja, as confederações nos solicitaram onde havia uma demanda, um interesse, a Prefeitura e o Governo do Estado disponibilizaram a ação, e nós do Ministério do Esporte, através de contratos OGU ou via PAC, transferimos os recursos.

O total de investimento que nós temos para centros de treinamento é de 471.353.342 reais, distribuídos nas diversas modalidades. Havia a possibilidade de outras modalidades serem enquadradas, mas nós estabelecemos um *deadline*, um corte porque nós precisaríamos que, até o final deste ano, os centros estivessem em funcionamento e os nossos atletas pudessem “performar”. Não haveria sentido nós estarmos com obras a serem concluídas em junho de 2016 se não houvesse a possibilidade de o atleta treinar. Foi um trabalho em que nós pedimos para as confederações, as Prefeituras e os Governos estaduais estabelecerem um



cronograma. Com esses indicativos, nós estabelecemos as prioridades e os recursos a serem distribuídos.

A primeira é em Cascavel, é um centro de treinamento, é uma obra bastante complexa. Nós estamos incentivando o trabalho na região de Cascavel, que é um celeiro muito grande da modalidade de saltos. A confederação nos solicitou. Em trabalho junto com o Governo do Estado do Paraná, nós disponibilizamos recursos e estamos acompanhando. O processo ainda está em fase de adequação, ou seja, esse processo foi licitado, mas ainda tem algumas pendências perante a Caixa Econômica Federal, que é a mandatária da União.

Essas são as fotos dos empreendimentos. Apesar de estar com zero por cento, nós estamos com serviço de terraplenagem no empreendimento.

Para a canoagem é um trabalho diferente. Nós estamos fazendo um sistema de bombeamento no canal de piracema da lagoa próxima a Itaipu. Nós estamos fazendo com que a água chegue para que os atletas possam treinar.

No ciclismo nós temos a parte de BMX, uma pista de BMX, e essa pista de BMX está sendo replicada em outros Municípios, ou seja, nós temos atletas que estão “performando”, nós estamos pegando o modelo dessa pista e estamos replicando para as demais unidades da federação. O que acontecia nessa modalidade? Nós tínhamos pistas de altura de 5 ou 6 metros, e os atletas, quando iam treinar, quando iam participar de competições lá fora, onde as pistas têm altura de 8 a 9 metros, não conseguiam “performar”. Nós estamos trabalhando nesse sentido, para que nossas pistas tenham o mesmo padrão olímpico das pistas internacionais.

Este aqui é o *slide* do empreendimento. Essa é uma das cidades, Curitiba. Temos Teresina, Palmas e outra cidade, que é o Rio de Janeiro... Não, Rio de Janeiro não. Niterói, que não está no *slide*, mas é outra cidade contemplada. Juntamente, na cidade de Londrina, nós estamos implementando um centro de treinamento onde a confederação irá treinar os atletas. É um centro *indoor* onde está sendo construído um galpão e serão colocados equipamentos para que os atletas consigam “performar” na modalidade de ciclismo.

Handebol tem uma obra concluída. Essa obra foi entregue em São Bernardo do Campo, junto com a Prefeitura de São Bernardo do Campo. Nós concluímos a



obra, que está agora em fase de conclusão na questão da concessão e da aquisição de equipamentos.

Hipismo tem uma obra em Barretos, e nós estamos trabalhando a modalidade de *cross country* e a modalidade de saltos. São as fotos locais.

Judô tem uma obra que nós entregamos no ano passado... No ano passado? Não, em 2013. É uma obra em Lauro de Freitas. A confederação de judô, em conjunto com o Governo do Estado da Bahia, implementou esse grande centro, onde recentemente tivemos um campeonato. Essa é uma obra que acredito que seja um dos marcos em referência ao legado que nós estamos entregando para o Comitê Paralímpico. É uma obra de 282 milhões. Nós conseguimos, juntamente com o Estado de São Paulo, fazer uma obra com características que não existem em nenhum outro centro no mundo. Nós temos um centro de Medicina para atletas, nós temos a melhor pista, a mesma pista que vai ser utilizada na Rio 2016, nós temos a mesma piscina que vai ser utilizada também na Rio 2016, nós temos ginásios. São três ginásios modulados, sendo um deles refrigerado, e a previsão de conclusão dessa obra é em setembro de 2015. É uma obra que tem a participação do Governo da União e do Governo do Estado de São Paulo e o apoio do comitê. Faremos a transferência de recursos via convênios para equipar o respectivo centro. Isso aí, para a questão de legado, será extremamente importante porque para 2015, para 2016 e para as próximas Olimpíadas nós teremos um local onde poderão os atletas “performar”.

Nós temos aqui o gráfico que mostra a situação da obra. Fica próxima a Imigrantes e próxima à cabeceira de Congonhas. Estas são fotos aéreas do local. Esse é o local onde os atletas ficam hospedados. Nessa foto, a pista estava em obra. Agora já está colocada toda a manta. Nós temos esse auditório próximo à pista. E essa é a quadra de futebol de sete.

Essa é a vista interna do saguão. Há um problema de desnível. Então, esse saguão leva a todos os andares. Essa é a área interna do centro, onde há toda a parte de atendimento e vestiários. Essa piscina que está sendo utilizada no Rio 2016 foi uma parceria junto com o Governo Estadual. Nós importamos essa piscina da Itália.



Aqui é a quadra do futebol de cinco. Esse é o ginásio do tênis de mesa. Aqui são as salas *indoor* e a quadra de tênis para cadeirantes. No treinamento *indoor*, nós temos a claraboia interna de acesso para todos os andares. Aqui há uma quadra de basquete para cadeira de rodas e uma arena esportiva. Novamente, está a piscina olímpica. Nós temos a vista da arquibancada junto com a pista. É uma vista interna do saguão.

Essa aqui já é a pista com a colocação da manta. É a mesma manta que está sendo utilizada no Rio 2016. Essa é a vista do alojamento. Quem está na Imigrantes consegue essa vista frontal. É um sistema de Domus, que dá uma visão diferenciada do empreendimento. Esse é o posto de medição da pista de atletismo. Novamente há essa vista frontal aérea do empreendimento novamente.

E nós também fizemos um investimento muito grande no Centro de Formação Olímpica do Nordeste. Essa obra fica ao lado da Arena Castelão. Nós investimos 207 milhões. Agora em setembro nós teremos os Jogos Escolares, com a participação de todas as modalidades. Serão 25 modalidades nesse empreendimento. É também uma obra extremamente importante, porque nós estamos trabalhando na Região Nordeste, forçando para que haja um legado muito grande de atuação nas diversas modalidades.

Essa aqui é a vista do empreendimento. Não é a mesma pista utilizada no Rio 2016, mas também possui o Certificado Classe 1. Essa piscina também é a mesma que vai ser utilizada no Rio 2016. Nós temos a parte interna, inclusive já temos os equipamentos instalados. Também temos essa arena. Não sei ao certo a capacidade, mas será utilizada agora nos Jogos Escolares. Nós temos ringues de boxe, tatames de lutas, refeitório e academia.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Finalizadas as apresentações, abrimos o espaço para debates.

O Deputado Andres Sanchez deseja fazer o uso da palavra já? (*Pausa.*)

Já passaram vários Deputados por aqui, mas no momento não temos muitos presentes. Como estamos com um número reduzido de Parlamentares, antes gostaríamos de abrir um espaço para a pergunta de todos aqueles que estão prestigiando a audiência pública. Depois tenho as minhas perguntas também, mas



eu gostaria de abrir a palavra ao público. Quem gostaria de fazer o uso da palavra? *(Pausa.)* Deputado Hélio Leite, já chegou falando? *(Risos.)*

Então, vou iniciar com algumas perguntas. Eu não vi se ficou claro desde quando o Plano Brasil Medalhas está em vigência. Acho que foi em 2013. Gostaria de saber ao certo o início e também quais são as perspectivas que temos para os próximos ciclos. A previsão do Plano Brasil Medalhas é até o ciclo do Rio de Janeiro? Existe a possibilidade de manter essa ação, buscando talvez o próximo ciclo e assim por diante?

Sobre a equipe multidisciplinar, quem faz a contratação? Fica a critério das confederações ou do Ministério do Esporte? Há um contrato específico? Estou falando isso, porque conheço um treinador que tem jornada de 20 horas no clube e jornada de 40 horas em um emprego para poder complementar a sua renda.

Nesse caso, ele vai continuar fazendo o mesmo trabalho com diversos atletas, mas, a fim de ser contratado para o Plano Brasil Medalhas, teria que assinar um contrato de mais 20 horas, sendo que vai fazer o trabalho que já faz atualmente, que é acompanhar os atletas do alto rendimento aptos a serem medalhistas nos Jogos Olímpicos. Então, gostaria de entender melhor essa contratação, só para esclarecermos um pouco mais a questão, porque surgem boatos.

Se há o Plano Brasil Medalhas, o que falta no nosso País — e aí é uma opinião de cada um de vocês — para que possamos nos tornar uma potência esportiva? Muitas vezes, quando se fala em potência esportiva, pensa-se em resultado. É claro que os investimentos têm que acontecer visando aos resultados. Nós vamos buscar sempre um maior investimento e uma aplicação de forma mais pertinente. Mas me incomoda um pouco a situação, por exemplo, do atletismo. Eu acho que é a modalidade com o maior número de atletas beneficiados pelo Bolsa Pódio e os resultados estão bem longe dos esperados.

Na semana passada, eu e o Deputado Andres conversávamos sobre essa questão. É claro que o investimento não quer dizer a obtenção dos resultados. Mas, através da ação do Bolsa Pódio, do Plano Brasil Medalhas, nós possamos alcançar nossas metas? Essa é a opinião de vocês? Esse é o grande diferencial?

Quem está fazendo o acompanhamento do cumprimento dessas metas por parte do Ministério, dos atletas e das confederações? Há uma avaliação? Como é



feita? O Mosiah estava falando que agora vão esperar os mundiais dos esportes aquáticos, do judô, do atletismo. São todos na mesma época e há diversos outros mundiais este ano. Há essa avaliação? Quem vai fazer? Nós até vamos ter uma audiência sobre isso, para avaliarmos um pouco melhor o ano, para pensarmos o futuro do esporte brasileiro.

Enfim, quero deixar essas perguntas e passar a palavra para os nossos colegas e para aqueles que dela desejarem fazer uso.

Deputados? (*Pausa.*)

Vou passar, então, a palavra para os nossos convidados responderem às questões. Depois retornamos.

Antes disso, Lindberg, peço papel e caneta para os convidados poderem anotar. Eu separei um monte de perguntas e não lhes dei papel e caneta.

O SR. VITOR ALMADA - Eu não anotei todas as perguntas, Deputado, mas vou tentar lembrar-me de algumas delas e respondê-las aqui.

A primeira delas foi sobre a questão do RH — Recursos Humanos. Na verdade, isso é a equipe multidisciplinar que faz o treinamento, a preparação do atleta e contribui para o desempenho e a *performance* máxima dele nas competições intermediárias, antes dos Jogos Olímpicos e das competições dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos.

Então, o que acontece? Normalmente, se determinado treinador, preparador físico ou fisioterapeuta já é contratado, por exemplo, via Lei Agnelo-Piva, diretamente pela Confederação, logicamente ele não vai ter carga horária suficiente para cumprir também, digamos, uma contratação via convênio, formalizada com a Confederação.

Então, isso é muito mais uma questão de... Vamos supor, se ele trabalha 20 horas para um clube, passará a trabalhar 20 horas, poderá trabalhar 20 horas em um convênio apoiado pelo Brasil Medalhas.

O que geralmente também ocorre é que muitos atletas colocam o mesmo treinador para vários atletas individuais no plano esportivo. Quando o atleta é beneficiado pelo Bolsa Pódio, ou melhor, para ele ser beneficiado, ele precisa apresentar um plano esportivo.



Esse plano esportivo contempla qual é a equipe multidisciplinar que esse atleta vai precisar durante um ciclo de 1 ano, quais são os métodos, os materiais esportivos que ele deseja adquirir, quais são os procedimentos científicos, como avaliação física ou avaliação de *performance* que ele também quer ter durante esse período de 12 meses.

Às vezes vários atletas têm o mesmo treinador. Ele passa a ser contemplado na carga horária que é, digamos, humanamente possível de ser atendida e de acordo com a legislação. Logicamente ele não vai trabalhar 40 horas com um atleta, mais 40 horas semanais com outro atleta e mais 40 horas com um terceiro atleta.

Quando se faz um convênio com a Confederação que congrega esses vários atletas nas mesmas modalidades, que têm o mesmo treinador, faz-se uma carga horária compatível para que ele possa atuar, digamos, com três ou quatro atletas. Não sei se ficou...

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - E quem faz o contrato? É dentro do Ministério ou a própria Confederação monta o contrato?

O SR. VITOR ALMADA - Quando o convênio é com a Confederação... Eu digo isso porque o próprio atleta pode receber a bolsa e, se quiser, pode pagar o treinador também. Então, quando é feito um convênio diretamente com a Confederação, quem contrata é a própria Confederação.

A Confederação tem o dever de executar o convênio e contratar o profissional.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Então, pode mexer no contrato para ajustar para que fique legal a carga horária com o treinador?

O SR. VITOR ALMADA - Sim. Faz um contrato diretamente. Digamos que é uma licitação, podemos dizer assim, de prestação de serviço do treinador, para que ele possa executar aquele serviço que é preparar o atleta que a Confederação quer.

O SR. DEPUTADO HÉLIO LEITE - Presidente, eu quero fazer uma colocação para a Mesa e ver quem pode me responder.

Primeiro, eu sou do Estado do Pará e automaticamente da Região Norte.

É evidente que nós temos sentido nessa Comissão do Esporte e em tudo o que eu tenho participado que a Região Norte é excluída. Eu não vejo nenhum



programa do Ministério até agora que possa fazer um centro de treinamento, que possa ajudar na captação de valores no nosso Estado do Pará e no Norte do Brasil.

Eu queria saber — não sei quem pode me responder — qual é o planejamento que há para poder contemplar a Região Norte, para que nós possamos também dar a chance para quem pratica o esporte naquela Região, para que eles possam ter um centro profissionalizante, uma oportunidade de aprimorar o seu talento, os seus conhecimentos, para que nós possamos avançar cada vez mais nesse sentido.

Eu gostaria de saber isso de qualquer um de vocês que representa o Ministério do Esporte. Se puderem me responder, eu agradeço.

O SR. MOSIAH RODRIGUES - Deputado, primeiro, obrigado pela questão.

Fico feliz em poder dizer que o Programa Bolsa Atleta às vezes é... Algumas pessoas vão ao Ministério conversar sobre como nós podemos beneficiar mais mulheres, por exemplo, no programa, ou mais um lado ou outro.

Enfim, o Programa Bolsa Atleta depende única e exclusivamente do resultado do atleta e da *performance* dele em determinada modalidade.

Hoje o Programa Bolsa Atleta beneficia atletas de todos os Estados do País. Então, nós conseguimos, por meio desse Programa, ter uma capilaridade bastante grande e apoiar diretamente esse atleta. Enfim, ele consegue fazer a gestão e investir, em seu próprio dia a dia, no seu treinamento, ou seja, no equipamento que ele precisa, talvez na qualificação do ambiente em que ele treina ou mesmo do profissional que o está auxiliando.

O Programa Bolsa Atleta completa 10 anos. Ele vem se modernizando, ampliando o seu número de beneficiados e se estruturando e reformulando ao longo desses anos.

Nós apresentamos hoje aqui uma ação que está dentro do Plano Brasil Medalhas que é o Bolsa Pódio. É só um pedaço do Programa. Dentro desse pedaço, eu posso destacar que aproximadamente 95% dos atletas que hoje estão no Bolsa Pódio passaram por outras categorias, ou seja, é um Programa que, de fato, é estruturante. Vem auxiliando o atleta desde a categoria de base, que é a categoria inicial do Programa, até o atleta que tem possibilidade de medalha em 2016.



Então, essa é uma ação concreta do Ministério em todos os Estados do nosso País.

O SR. DEPUTADO HÉLIO LEITE - Evidente que não há nenhum plano determinado para facilitar a captação, a infraestrutura necessária, alguma questão...

Pelo que eu entendo e percebo, só é beneficiado com qualquer bolsa um atleta que tenha se destacado em uma competição, que já tenha sido considerado um atleta de forte potencial de rendimento.

Eu gostaria de saber se o Ministério tem alguma modalidade em que ele possa criar uma infraestrutura, buscar algum projeto, fazer uma seletiva, buscar um mecanismo de proporcionar aos atletas da Região Norte a condição de ser incluído também numa Bolsa dessas.

Nossa Região é longe. Para um atleta se deslocar de lá para cá e bater no Ministério, ele terá dificuldade. Eu acho que o Ministério tem obrigação de criar um mecanismo para que ele possa correr o nosso Brasil, não só na Região Norte, fazendo competição e buscando as qualidades, porque há muito talento. Esses talentos às vezes ficam esquecidos, porque não há oportunidade de buscar esse investimento. Eu acho que a Bolsa tem que ter ações fundamentais.

Eu estive em Toronto, juntamente com o Ministro e com a Delegação, e presenciei a infraestrutura, o que é feito por um atleta de rendimento. Também fiquei até surpreso quando vi o valor da bolsa, que é interessante.

O que eu estou querendo deixar bem claro é que nós temos que ter um projeto para poder dar oportunidade a todos os brasileiros, a condição de poder também chegar ao patamar dessa força tão grande que é ser contemplado pelo Bolsa Família.

Só para poder deixar bem claro, na última reunião em que o Ministro veio aqui, eu fiz uma colocação que eu acho interessante. Primeiro, se não tiver categoria de base, não pode ter um atleta de alto rendimento, só se ele for excepcional e surgir de uma profundidade muito grande.

Então, eu falei para o Ministro naquele dia e sugeri como Deputado e como *(Ininteligível.)* que sou, para poder fazer um programa para poder comprar material para a categoria de base e poder redistribuir no Brasil todo e poder dar oportunidade às pessoas.



Há muito atleta neste Brasil que tem qualidade e não tem condição financeira nem suporte técnico para poder representar o nosso País.

Eu acho que é importante que nós possamos também cuidar do alto rendimento, mas também buscar o mecanismo para poder oportunizar os atletas que existem no Brasil.

O SR. JOSÉ JIEMON SUGAI - No eslaide, nós apresentamos que implementamos o Centro de Formação do Nordeste, na cidade de Fortaleza, ao lado do Castelão. Foi um trabalho muito engrandecedor, porque nós estamos trazendo equipamentos de alta *performance* na Região Nordeste.

Da mesma forma, nós fizemos o Centro Pan-Americano de Judô, na cidade de Lauro de Freitas.

Na Região Norte, nós temos o Programa CIE — Centro de Iniciação ao Esporte, em que foram contemplados diversos empreendimentos nas diversas categorias, através de recursos do PAC.

Então, nós temos três modalidades variando de 3 milhões a 4 milhões, e algumas cidades do Norte — eu não tenho a relação — foram contempladas.

O SR. DEPUTADO ANDRES SANCHEZ - Só uma questão. Desculpe-me.

As confederações fazem o quê? Alguém pode me responder? Porque, tirando a do futebol, que todo mundo se preocupa, e a da natação, que há 48 anos tem a mesma pessoa, que não dá um toção para clube algum, quem formam os atletas são os clubes, não as confederações.

Se alguém puder me responder, porque quem tinha de fazer a iniciação eram as confederações, mas os clubes é que estão fazendo.

O SR. VITOR ALMADA - Quer complementar, Deputado?

Só complementando o que os colegas já disseram, o Mosiah teceu alguns comentários sobre o Bolsa Pódio, o Bolsa Atleta, como elas atingiram o País como um todo, não só as Regiões Sul, Sudeste, mas Nordeste, Centro-Oeste e Norte também. O Sugai também comentou sobre as infraestruturas. É, mais ou menos, isso que eu queria ressaltar.

Embora venhamos aqui falar dos Jogos Olímpicos e Jogos Paraolímpicos, a ideia é a de que esses jogos não sejam apenas para o Rio, mas para a sociedade



brasileira, que todo brasileiro e toda a população possam estar inseridos nesse contexto.

Então, justamente como ele falou — os eslaides foram mostrados —, existem centros nos países espalhados pela Bahia, Paraná, Tocantins, por outros Estados que, com o tempo, estão também sendo beneficiados conjuntamente pelo fator Jogos Olímpicos e Paraolímpicos no País. É importante ressaltar isso e é importante também ressaltar que temos de investir em locais que também tenham uma vocação para aquilo e tenham também suporte para que possam desenvolver essas atividades, que são locais não só no Sul e Sudeste, como também no Norte, Nordeste e Centro-Oeste.

E nós também temos convênios com as confederações de outros Municípios para compra de equipamentos específicos. Por exemplo, o Estado do Pará recebeu recentemente — se não me engano — equipamento de ginástica — não sei se artística ou rítmica —, um *set* completo de treinamento. O Estado do Amazonas, a mesma coisa. Só para falarmos sobre essas questões.

Provavelmente, até o ano que vem, todas as Universidades Federais do País terão uma pista homologada pela Federação Internacional de Atletismo para prática e treinamento de atletismo. Esse é outro legado interessante.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Só lhe interrompendo, Vitor, essas pistas dentro das universidades serão para utilização do alto rendimento, da comunidade ou da educação?

O SR. VITOR ALMADA - Por que não dos três?

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Fiz essa pergunta, porque nós temos na URGS, por exemplo, no Estado do Rio Grande do Sul, uma dificuldade, por exemplo, de as associações atléticas terem esses locais para treinar para as competições universitárias. Os próprios alunos da URGS têm dificuldade de treinar na URGS, e o alto rendimento, quem vai utilizar? Se há diversas entidades, clubes ou associações, quem vai poder utilizar essa área?

Então, acho que há essa preocupação grande de, simplesmente, conseguirmos utilizar. Claro que é um ganho! É importante termos esses espaços nas universidades, mas a preocupação é como vai ser feita a otimização e a



utilização dessas pistas. Como tu disseste: *“Bah, o importante é colocar todo mundo”*. Legal! Mas, na prática, às vezes, isso não funciona.

O SR. VITOR ALMADA - Há uma preocupação muito grande do Ministério do Esporte, justamente porque está entregando também essas pistas.

O que eu quero dizer quando eu digo *“por que não todo mundo?”* é que também seria ingênuo falarmos que já temos um modelo fechado e é isso. O Brasil é muito diferente. Ele é complexo. Ele tem a mesma língua num País totalmente diferente, com culturas diferentes, com arranjos institucionais diferentes em diversos Estados e regiões do País, e isso tem de ser levado em conta quando vamos falar da utilização dos equipamentos.

Por exemplo, no Rio Grande do Sul, no Sul e Sudeste, a questão universitária é muito forte. Há outras regiões que não têm tanta, digamos, essa ligação do esporte universitário inserida no contexto esportivo local. Então, teríamos de ver como trabalhar isso. Mas é importante que já tenha um encaminhamento, já tenha, digamos, 50% meio que pronto, que é a instalação esportiva para treinamento, competição e utilização da comunidade.

Vimos aqui mais para falar do Plano Brasil Medalhas. Quando falamos Brasil Medalhas, falamos em conquista de medalhas e desempenho do País nos Jogos Olímpicos, mas, como o nobre Deputado citou, o que está sendo feito também para a questão de, digamos, inserir aqueles atletas que estão em vias de desenvolvimento.

O Ministério também tem um programa, que é o Centro de Iniciação ao Esporte, que irá abranger mais de 200 Municípios no País inteiro em todas as regiões do País, que são os centros voltados para a prática esportiva e também — por que não? — para o alto rendimento, mas que visa atender também a comunidade local, haja vista a quantidade de Municípios que está atendida no programa.

Com relação às questões referentes ao programa — o Sugai participa também desse processo junto aos Municípios —, existem três tipos de modelos de Centros de Iniciação ao Esporte que foram instituídos, que os Municípios encaminharam os projetos ao Ministério do Esporte e eles passaram por uma análise técnica-esportiva da utilização desses equipamentos e depois sobre uma



questão mais de construção mesmo do local com terraplanagem, planta baixa e essas questões mais ligadas à infraestrutura em si da construção dos equipamentos.

Então, é uma, digamos, infraestrutura básica que, pelo menos, os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos estão proporcionando, não somente para o Rio de Janeiro, e não somente para o desempenho de atletas nos jogos, mas também que isso possa perdurar para os próximos Jogos Olímpicos de 2020 e 2024 e também que possa contribuir para o desenvolvimento social da nossa população e — por que não? — da saúde também.

O SR. DEPUTADO HÉLIO LEITE - Presidente, eu acho que as perguntas aqui são importantes, porque é uma oportunidade que nós temos, como Parlamentar, de poder, pelo menos, perguntar aos senhores algumas questões.

Quando falamos aqui sobre medalhas, sobre essas questões, isso é fundamental, porque já está no último patamar da questão. Eu, como sou um parlamentar de base, eu acho que a questão de buscar formação é fundamental.

Eu até conversei com o Governador do Estado do Pará, com o Secretário de Esporte de lá, e sugeri que o Pará possa ver qual é a afinidade e escolher uma ou duas modalidades, para podermos trabalhar com essas questões que são fundamentais.

Para se ter uma ideia, lá no nosso estádio, já houve várias competições de atletismo nacionais e internacionais com a presença de muita gente. Então, eu acho que não só a competição, mas precisamos avaliar o pós-competição, para que, aqueles que despertaram para algum segmento, eles tenham oportunidade.

Aproveito para pedir ao nosso diretor de eventos que inclua o Pará numa programação dessas, que é importante para poder buscar novos valores, para poder difundir o que nós estamos fazendo. Se puder contemplar, eu não ficarei zangado. Ficarei agradecido.

O SR. GUILHERME ANGELO RASO - O Deputado João Derly questionou — e eu acho muito importante — o Plano Brasil Medalhas visar 2016, e a pergunta dele foi muito pertinente. E depois? Aí envolve tudo isso que V.Exa. acabou de citar. Depois, o Brasil vai ter que achar outro caminho ou, às vezes, o mesmo caminho para continuar tendo medalhas ou evoluindo esse quadro de medalhas e de



resultados internacionais, e passa muito por isso, por aproveitar todo o potencial brasileiro que existe.

Então, cada região tem a sua vocação, tem a sua estrutura, e nós temos de aproveitar todas as regiões. Não podemos permitir que algumas regiões sejam esquecidas e que não participem desse processo.

Então, fica aqui que nós também temos uma preocupação de como é que vai ser o Plano Brasil Medalhas pós 2016, porque nós temos de continuar isso. Isso não vai acabar. E passa exatamente por essa preocupação que V.Exa. tem exatamente de contemplar todas as regiões, principalmente o Norte, que tem realmente potencial para muitas modalidades esportivas, biótipo, vocação psicológica, uma série de aspectos que só encontramos lá e que são pertinentes a nossa grande vontade de ser potência olímpica em todos os esportes.

O SR. DEPUTADO HÉLIO LEITE - Sr. Presidente, só para concluir. Já que era para perguntar, vamos perguntar. Eu tenho um pensamento que eu acho que podemos aprimorá-lo ou alguém pensar melhor que eu.

Primeiro, eu acho que uma das formações mais importantes que há hoje para buscar a base é a área escolar. Eu acho que, quando se trabalha a base escolar daquele aluno que já está dentro da sala de aula, que pode usar o ginásio, o espaço, isso é fundamental.

Eu acho que o Ministério deveria, em minha opinião, criar um programa para reforçar a participação escolar nos esportes.

Eu até conversei com o Ministro aqui — e dei a ele essa ideia — que, em relação a qualquer projeto que houver daqui para frente, se faça uma reunião com o MEC; para qualquer projeto de formação escolar, que se construa uma escola, que se construa uma área esportiva.

Eu digo isso porque fui Prefeito de uma cidade. Como sempre digo, eu construí 32 ginásios lá e isso cresceu. Nos jogos estudantis nós ganhamos várias competições. Logo, eu acho que o Ministério poderia aproveitar esses alunos que estão nas salas de aula para fazer um direcionamento e formar uma categoria, ver qual é a aptidão de cada um, a necessidade da cada estudante e ir adequando isso, porque é uma maneira conjunta de o Ministério dos Esportes e o Ministério da Educação trabalharem na formação desses novos valores.



O SR. VITOR ALMADA - Só para finalizar os questionamentos do Deputado João Derly sobre o acompanhamento desses atletas, esses 238 atletas que hoje são beneficiados pela categoria pódio são acompanhados diariamente. A cada evento, a cada passo que eles dão, a cada resultado há um acompanhamento não só pela posição no pódio, mas sim pela marca deles. Se é um atleta do atletismo, sabemos o tempo deles em cada uma das provas, fazemos esse cruzamento de informações. Com a natação é a mesma coisa. Então, acompanhamos cada um dos atletas em cada evento. Sempre que vemos aquela curva descendente, digamos assim, batemos na Confederação, iniciamos um debate. Enfim, o atleta é reavaliado seguidamente. Esse acompanhamento está sendo feito bem de perto e cada um desses atletas está sendo beneficiado pelo pódio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Temos uma pergunta da nossa consultora, Carolina. Eu até disse a ela que, se quisesse falar, poderia usar a palavra, mas vou ler a pergunta que ela encaminhou: *“Qual é a participação do COB, das confederações, dos clubes nas escolhas dos locais e dos Municípios que receberão os centros de treinamento?”* Tendo em vista os vários esportes, atletismo, judô, hipismo, paraolímpico, *handball*, ciclismo, se houve um amplo debate sobre essa questão nas escolhas das cidades e dos locais?

Sobre o CIE, se existe algum programa para capacitar os gestores dos Municípios que receberão os Centros de Iniciação ao Esporte? Se existe algum programa ou se fica a critério do próprio Município fazer essa gestão? Essa é uma preocupação porque existem Municípios que começaram a alegar o atraso e a morosidade devido aos CIEs, dizendo que ficarão com mini elefantes brancos depois na gestão e no acompanhamento dos ginásios.

O SR. GUILHERME ANGELO RASO - As confederações têm dinheiro. O Ministério dos Esportes é bonzinho, manda dinheiro para as confederações.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Enquanto decidimos quem vai responder, alguém mais deseja fazer outra pergunta?

O SR. MOSIAH RODRIGUES - Sugai, ajude-me, já que você está envolvido diretamente com infraestrutura, com construção.

A primeira pergunta é sobre a seleção dos centros de treinamento. Obviamente que isso depende de todo um arranjo. Não é tão simples assim. *“Vou*



construir lá em Londrina. Está tudo perfeito. Caiu do céu o local. Vou construir.” Isso tudo é conversado juntamente com as confederações. Aí é que entra o papel das confederações, Deputado, respondendo um pouco à sua pergunta. Não adianta construirmos um centro de treinamento num local onde ele não possa ser utilizado, onde a própria confederação diga: “*Se eu construir lá, não vai ter como treinar porque o local de treinamento de competição é longe do aeroporto, não sei o quê...*”

Então, é um arranjo que é feito juntamente com os Municípios e os Estados que tenham condições de fazer esse aporte de contrapartidas para a construção desses centros, porque não basta o Ministério repassar os recursos. Os Municípios e os Estados também têm que repassar a contrapartida financeira para formalizar o contrato de repasse, que vai dar o valor total da obra, para, aí também, a Caixa Econômica fazer as medições para a liberação dos recursos.

Então esse é um arranjo entre os Municípios e os Estados, conjuntamente com o papel das confederações e também, em alguns casos, das federações estaduais, que vão desenvolver alguns projetos, principalmente no Norte e no Nordeste, para a utilização daquele centro. Isso é um arranjo, digamos assim, que é feito justamente para garantir que esses centros possam ser utilizados.

Então, vamos dar um exemplo aqui. Aqui, como vocês podem verificar, está o Centro Pan-americano de Judô, em Lauro de Freitas, construído há mais tempo com recursos do Ministério do Esporte, juntamente com o do Governo da Bahia. Existe um termo de cessão de uso do centro de treinamento de judô, porque ele é do Governo da Bahia, para a Confederação Brasileira de Judô, que vai utilizar aquela área por determinados anos e fazer a gestão da manutenção daquele centro. Esse é o arranjo que é feito. É, digamos, um exemplo.

Já foram feitos campeonatos internacionais lá. E, recentemente, apesar de não ser da mesma modalidade do judô, na semana passada foi realizado lá o Mundial Júnior de Luta. Ou seja, um centro de judô é utilizado para um campeonato mundial de outra modalidade. Isso tem a ver também com a sustentabilidade da instalação esportiva. Então, cada centro de treinamento tem o seu modelo, mas geralmente é feito dessa maneira, que eu acho que é interessante e mais inteligente.

Com a parceria entre o Ministério, o Governo Federal e o Estado ou o Município, justamente porque não se pode construir em localidade de entidade



privada, mesmo sem fins lucrativos, se faz uma cessão de uso de utilização juntamente com a confederação ou a federação estadual.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Eu acho até, às vezes, que em um centro de treinamento nós devemos ter uma discussão um pouco mais ampla. Nós temos em Lauro de Freitas um Centro Pan-americano de Judô — e o Lindbergh comentava isso comigo agora há pouco —, onde estivemos com o Presidente da Confederação Brasileira de Judô.

A gestão ficou à mercê da Confederação Brasileira, que está com dificuldades de tocar o centro de treinamento. Então, nós acabamos levando para um local... A situação é parecida com a que houve na Copa, quando nós tivemos alguns estádios em locais que não têm times. A utilização do local acaba prejudicando, não é?

Então, a Bahia é um local que tem um judô forte, mas não é um local de tradição. É preciso otimizar mais o espaço.

(Não identificado) - *(Intervenção fora do microfone. Ininteligível.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Não, não, não. Na Bahia não tem. Alguns Estados têm uma tradição maior, como São Paulo, Rio de Janeiro, Minas, Rio Grande do Sul. Estes Estados têm uma tradição muito grande. O Piauí conseguiu o seu espaço agora também, através da Sarah Menezes, que se destacou.

Então, a preocupação — quando tivermos um centro de treinamento com a envergadura desse centro pan-americano — é se vamos conseguir ampliar um pouco a discussão. Eu sei da importância dos Governos de Estado e de Município para a implementação, para buscar o local, para ajudar toda a formulação, mas depois a gestão fica para a confederação, que começa a alegar que tem que buscar mais recursos porque não tem como fazer essa gestão.

Então, há uma preocupação para conseguirmos fechar todas as pontas, e a Carolina nos trouxe que houve um amplo debate com o Comitê Olímpico, com os clubes, por exemplo. Eu acho que é importante inserir os clubes, como o Deputado Andres Sanchez falou. Quem cuida mesmo do dia a dia dos atletas são os clubes. Mosiah Rodrigues foi atleta olímpico, seis vezes campeão dos jogos pan-americanos, e sabe que o toca o seu dia a dia é o clube.



Então, é preciso inserir o clube um pouco mais nessas discussões, que são importantes e que depois vão refletir, vão voltar para os cofres públicos. Quem vai continuar agora com a gestão? A confederação vai ter que buscar mais recursos para fazer essa gestão? Essa é uma preocupação grande. Desculpem-me o desabafo.

O SR. MOSIAH RODRIGUES - Sem dúvida. Sem dúvida essa é uma preocupação do Ministério. Na verdade, eu só utilizei um exemplo para informar como é mais ou menos formada a escolha das cidades. Logicamente isso é um esforço que vai partir da confederação. A confederação também não pode falar: *“Estou sem recurso”*, acabar por aí e esperar que tudo caia do céu. Logicamente o Ministério não pode também dizer: *“Está aí o centro de treinamento. Agora se vira”*.

Há uma busca incessante para que encontremos o melhor caminho e também os recursos suficientes, não só para o centro de judô, mas para os outros que vão ser inaugurados a partir do ano que vem também. Então, eu acho que é função do Governo Federal, do Governo Estadual — no caso da Bahia — e da confederação se articularem para que esse centro possa ser sustentado a longo prazo.

O SR. DEPUTADO HÉLIO LEITE - Presidente, eu quero só me colocar à disposição de todos que fazem parte do Ministério. Eu estou à disposição para intermediar com o Governador o que for contemplado para o Estado do Pará, para dar a contrapartida. Se quiserem ir aos Municípios, nós temos lá cinco ou seis grandes Municípios pobres, que também têm interesse, para que possamos intermediar essa contrapartida, a questão de área, o que for preciso.

Podem contemplar o Pará, que nós faremos essa intermediação, tanto com o Governador quanto com todos os Municípios que puderem ser beneficiados. Eu até digo que o Pará precisava de um tratamento muito melhor (*ininteligível*), haja vista que temos um potencial muito grande lá, e é importante que nós busquemos isso.

Então, eu deixo aqui duas sugestões. Primeiro, faço um pedido: quando houver alguma coisa, vamos inserir o Pará no calendário. Segundo, vamos buscar a formação de um centro profissional no Pará.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Abrindo a última vez... Mais alguém quer fazer uso da palavra?



O SR. DEPUTADO ANDRES SANCHEZ - Eu vou falar. Sabe por que natação? O Corinthians hoje faz dois anos e é o primeiro colocado em natação. A confederação nunca fez nada, nunca fez nada. O Oraci lá... Como é que chama? Ele está só há 40 anos lá e nunca fez nada. *“No futebol não pode ter mais mandato, é um mandato só...”* As confederações lá estão todas livres, leves e soltas.

Nós vamos convocá-los, não vamos? Aí eles vão ver só.

O SR. DEPUTADO HÉLIO LEITE - Deputado, eu acho que devemos convocá-los, e, além disso, nós temos também que adequar a legislação, porque o pessoal fica eternizado em uma função e não faz as ações avançarem.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Em uma medida provisória de 2013 já foi resolvido.

Quer fazer uso da palavra? Só peço que se identifique.

A SRA. CAROLINA RIBEIRO - Sou Carolina Riberio, da Consultoria Legislativa aqui da Câmara.

Sobre esse debate aí das federações, confederações e clubes faço uma pergunta. Em alguns dos centros de treinamento, desses modelos que foram assinados e que vocês têm conhecimento, houve alguma cessão de uso para algum clube?

O SR. MOSIAH RODRIGUES - Desculpe. Que eu me lembre, não. Vocês se lembram de algum?

O SR. GUILHERME ANGELO RASO - Talvez não diretamente como Ministério, mas eu posso citar o Centro Estadual de treinamento Esportivo do Rio Grande do Sul — CETE, que recebeu pistas de atletismo com recursos do Ministério, tatames de judô com recursos do Ministério, equipamentos para esgrima paraolímpica, equipamentos de ginástica artística, os mesmos que vão ser usados agora, por exemplo, em campeonatos pelo mundo. Temos o Badminton também. Bem lembrado. O Grêmio Náutico União e a Sogipa, que são os principais clubes do Estado, utilizam esses espaços.

Então, há também, talvez, um pouco de vontade política, enfim, não sei, dos gestores locais de trabalhar essa questão de parcerias. Ou seja, o Estado, as federações e os clubes conversaram e conseguem utilizar esse espaço. Agora, no



próximo final de semana, vai acontecer o Campeonato Brasileiro Pré-Infantil e Juvenil de Ginástica Artística lá no centro de treinamento.

Então, esse espaço está sendo usado diariamente pela comunidade. Nós temos escolinhas de crianças que vivem no entorno. Lá também acontecem eventos nacionais, que servem de estímulo, inclusive, para essa juventude que está ali utilizando o espaço.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Ainda reforçando o que Mosiah falou sobre o CETE, no Rio Grande do Sul, há a utilização do espaço também por ONGs. Alguns institutos utilizam e fazem também o trabalho de inclusão social dentro dos espaços. Eu estou falando isso porque formei o Instituto Pódium em 2005. O trabalho se iniciou lá, e depois de toda a reforma dos tatames importados que chegaram no Ministério, hoje temos mais de 270 crianças treinando judô gratuitamente.

O SR. DEPUTADO ANDRES SANCHEZ - O Ministério não compra... Como é que chama aquele negócio? É canoa de remo? Os barcos? Parece que compraram dez cubanos agora, uma fortuna... O Ministério poderia ajudar.

(Não identificado) - *(Intervenção fora do microfone. Ininteligível.)*

O SR. DEPUTADO ANDRES SANCHEZ - Mas comprou para quem? Para a confederação de novo?

O SR. MOSIAH RODRIGUES - Não, fez um convênio. Eu não sei se é canoa ou remo.

O SR. DEPUTADO ANDRES SANCHEZ - Aquelas canoinhas do remo. Tudo cubano!

O SR. MOSIAH RODRIGUES - Já fez convênios com clubes. O Grêmio Náutico União, por exemplo, que é um clube de origem do remo...

O SR. DEPUTADO ANDRES SANCHEZ - O Corinthians também é de origem do remo.

O SR. MOSIAH RODRIGUES - É, então. Eles adquiriram agora, se não me engano, 16 barcos italianos, eu acho, ou da Alemanha. Agora eu não vou saber dizer.

O SR. DEPUTADO ANDRES SANCHEZ - Os nossos são cubanos.



O SR. MOSIAH RODRIGUES - Enfim, a qualidade é compatível com o nível olímpico. É caro. Enfim, mas há caminhos e ferramentas. A CBC hoje também tem recursos para fazer convênios. Então, a realidade dos clubes hoje é bastante diferente. Há ferramentas, sim, para buscar recursos, fazer convênios, se equipar.

O Grêmio Náutico União fez recentemente uma sala de esgrima de padrão internacional também. Enfim, eu acho que há caminhos hoje, e eu já enxergo isso como um legado, inclusive.

O SR. DEPUTADO HÉLIO LEITE - Sr. Presidente, eu quero, só finalizando, dizer que... Ainda agora na fala do Dr. Vitor, eu acho, eu ouvi falar que o Pará foi contemplado com material, não é? Não foi isso? Material de ginástica.

Eu quero só fazer um pedido: se puder mandar para o nosso gabinete aqui quem foi contemplado e com o que... Isso é importante. Por quê? Porque eu tenho interesse tanto em buscar como acompanhar o que está acontecendo lá. Eu acho que esse é o nosso papel. Esse seria um pedido. Se puder oficializar isso e mandar para o meu gabinete, eu agradeço.

Segundo, se puder mandar quais são as cidades contempladas do Norte, principalmente do Pará, para eu poder acompanhar, também agradeço. E quero aproveitar e me colocar mais uma vez à disposição do Ministério para que eu possa ser intermediador, até ajudar a somar quem está intermediando, para que nós possamos resolver a questão.

Eu volto a dizer a vocês do Ministério: alto rendimento é importante, as medalhas são importantes, tudo é importante, mas eu acho que tratar a categoria de base é fundamental, senão vai ficar só dependendo daqueles que podem ser bancados. Eles têm talento, mas podem ser bancados por alguém que pode chegar lá no alto rendimento. Aqueles que não podem ser bancados, nem têm a oportunidade, ficarão com seu talento inibido.

Então, eu acho que é importante que nós possamos, quando fizermos uma discussão do alto rendimento, também ver como podemos nivelar para buscar uma infraestrutura para a categoria de base. Eu acho isso... Eu sei que é importante a prática do esporte.

Nós sabemos — não é preciso reprisar — que vão buscar a oportunidade de serem grandes atletas aqueles que usavam drogas, aqueles que não têm condições.



Então, eu quero deixar aqui mais uma vez o nosso mandato e o nosso gabinete à disposição do Ministério.

O SR. GUILHERME ANGELO RASO - Só complementando, Deputado, essa condição de conseguir medalha é um processo. É isso que nós estamos construindo, a partir de vários programas. Eu também tinha essa fábrica de medalhistas, e a intenção era que ela fosse realmente uma fábrica produtiva e não ao acaso, como muitas vezes acontece em nosso País, com um talento super especial.

É preciso construir uma fábrica organizada a partir da base, que hoje é a escola. Hoje nós já temos um País que felizmente conseguiu incluir a maioria das suas crianças na escola. Isso é uma grande conquista.

Precisamos agora que essas crianças façam realmente um bom contato esportivo a partir da escola, para que essa fábrica seja eficiente e eficaz ao longo do tempo, e as medalhas venham com mais facilidade, com menos esforços individuais ou de abnegados, que, às vezes, conseguem uma medalha por esforço próprio.

Era essa a contribuição.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Finalizando os debates, passo a palavra aos expositores.

Antes de finalizar os debates é melhor perguntar, não é? Mais alguém deseja fazer uso da palavra? Porque se deixar o Deputado Hélio Leite faz de novo. *(Risos.)*

Então, finalizando os debates, passo a palavra aos expositores para fazerem suas considerações finais.

O SR. GUILHERME ANGELO RASO - Bom, pessoal, quero agradecer a oportunidade de expor aqui um pouquinho do nosso trabalho, na esperança de que esse Plano Brasil Medalhas realmente alcance, na sua plenitude, os objetivos que foram traçados: conquistar as medalhas em 2016 e, ao mesmo tempo, construir um legado. E esse legado pode ser entendido como legado físico, como legado de conhecimento, enfim, legados diversos, nessa construção do esporte de maior qualidade em nosso País.

Eu acredito que estamos no bom caminho, temos um controle bem rigoroso desses recursos. E alguns resultados já se mostram — e tivemos bom resultado no Parapan-Americano — como fruto desse trabalho.



Mais uma vez agradeço a oportunidade. Estamos à disposição no Ministério para a qualquer momento, a qualquer hora, passar todas as informações, fazer contatos, fazer interlocuções e discutir o futuro, enfim, questões importantes para o nosso País.

Muito obrigado.

O SR. JOSÉ JIEMON SUGAI - Agradeço a presença de todos, em especial a do Deputado Evandro Roman, que acabou de chegar. Ele está sendo nosso braço direito no acompanhamento do contrato do Paraná junto à Caixa Econômica Federal e ao Governo do Estado do Paraná, para que consigamos viabilizar o empreendimento e ter atletas na região que possam utilizar os equipamentos e deixar isso como legado.

Da mesma forma, nós entraremos em contato com V.Exa. e relacionaremos as cidades contempladas na Região Norte, para discutir o melhor encaminhamento e agilizarmos o processo.

O SR. VITOR ALMADA - Quero inicialmente agradecer e cumprimentar o Guilherme pela sua fala. É um prazer estar aqui e ouvi-los. Fico, na verdade, feliz em ouvir a preocupação dos senhores.

O Deputado Andres Sanchez sempre está cutucando as confederações. Mas é um cutucar inteligente, um cutucar bom e que demonstra também a nossa preocupação no Ministério, a preocupação de legado, a preocupação de como levar a prática esportiva e a preparação de atletas para regiões do País que, por uma questão histórica e sociológica, não têm um desenvolvimento como em outras regiões. É o caso do Norte e também de algumas regiões do Nordeste e do Centro-Oeste.

Fico feliz e agradeço a oportunidade de estar novamente aqui com os senhores.

O SR. MOSIAH RODRIGUES - Para encerrar, eu queria agradecer também mais essa oportunidade. É ótimo para o esporte esse debate. E acredito que estamos, de fato, consolidando uma política esportiva em nosso País, e esperamos que isso siga. O nosso foco aqui é 2016, mas o esporte segue após as Olimpíadas e as Paraolimpíadas.



Temos de construir sim uma política de esporte perene para o nosso País, para que consigamos evoluir cada vez mais.

Agradeço a contribuição de todos. Sou do alto rendimento, mas não consigo dissociar a formação, a iniciação do alto rendimento. Temos de enxergar como um todo, com a participação dos Estados, dos Municípios, das confederações. Isso é muito importante.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Antes de finalizar os trabalhos, quero agradecer a presença de todos.

Nada mais havendo a tratar, vou encerrar os trabalhos. Convoco os Srs. Parlamentares para reunião deliberativa ordinária, seguida de audiência pública, para debater o esporte indígena, a ser realizada amanhã, dia 19 de agosto, às 14 horas, neste plenário.

Está encerrada esta audiência pública.